

Artigos Originais

Errata: O filho que foi pai: memórias e xadrez na cidade de Montes Claros/MG na década de 1980¹

Erratum: The son who was a father: memories and chess in the city of Montes Claros/MG in the 1980s

Errata: El hijo que fue padre: recuerdos y ajedrez en la ciudad de Montes Claros/MG en los años ochenta



Lucas Matheus Araujo Bicalho

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

bicalholucas7@gmail.com



Luís Fernando de Souza Alves

Universidad de Jaén, Jaén, Andaluzia, Espanha.

luisf3@gmail.com



Andréia Luciana Ribeiro de Freitas

Escola Estadual Eloy Pereira, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.



Ester Liberato Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

ester.pereira@unimontes.br

O artigo original foi publicado em 18 de dezembro de 2024.
<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/79985/41890>

Errata: Em reparo à versão original, aponta-se a inserção da nota: “Essa pesquisa foi realizada com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) - BIC/UNI, em parceria com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).”

¹ Essa pesquisa foi realizada com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) - BIC/UNI, em parceria com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

O PDF original não foi modificado. Considerar para leitura o PDF da errata.

Resumo: Este artigo apresenta a história do xadrez em Montes Claros, Minas Gerais, a partir de reportagens e de narrativas de enxadristas. O recorte vai de 1980, quando práticas de xadrez e divulgações da imprensa sobre o esporte eram abundantes, até 1989, ano da última publicação analisada por esta pesquisa sobre o assunto. Metodologicamente, usamos princípios da História Oral Temática, ao aplicarmos um roteiro semiestruturado para a condução das entrevistas, seguindo Alberti (2004) e Meihy (2005), historiadores orais e defensores da abordagem comprehensiva do quadro social. A partir de memórias, notamos como sociedades e sujeitos são moldados em valores, em perpetuação de tradições e de costumes, tendo sentimentos identitários transformados.

Palavras-chave: Esporte. História Oral. Memórias. Xadrez.

Abstract: The article presents the history of chess in Montes Claros, Minas Gerais, based on reports and narratives from chess players. The research considers the period from 1980, when chess practices and press releases about the sport were abundant, to 1989, the year of the last publication analyzed by this research on the subject. Methodologically, we used principles of Thematic Oral History, applying a semi-structured script to conduct the interviews, following Alberti (2004) and Meihy (2005), oral historians and proponents of the comprehensive approach of the social framework. From memories, we notice how societies and subjects are shaped by values and the perpetuation of traditions and customs, leading to the transformation of identity.

Keywords: Sport. Oral History. Memoirs. Chess.

Resumen: Este artículo presenta la historia del ajedrez en Montes Claros, Minas Gerais, a partir de relatos y narraciones de ajedrecistas. El corte va desde 1980, cuando abundaron prácticas de ajedrez y notas de prensa sobre este deporte, hasta 1989, año

de la última publicación analizada por esta investigación sobre el tema. Metodológicamente, utilizamos principios de la Historia Oral Temática, aplicando un guion semiestructurado para la realización de las entrevistas, siguiendo a Alberti (2004) y Meihy (2005), historiadores orales y defensores del enfoque integral del marco social. A partir de las memorias, notamos cómo sociedades y sujetos son moldeados por valores, perpetuación de tradiciones y costumbres, teniendo sentimientos identitarios transformados.

Palabras clave: Deporte. Historia oral. Memorias. Ajedrez.

Submetido em: 22/07/2024

Aceito em: 10/09/2024

1 Introdução

Em 2020, é lançada uma série dramática. Seu título, *The Queen's Gambit*. No Brasil, *O Gambito da Rainha*, uma referência a uma jogada de xadrez que leva o mesmo nome. Muito se falou da série, a qual acabou sendo uma das mais assistidas daquele ano (White, 2020; Miller, 2020). A série conta a história que se passa em meados da década de 1950 e vai até os anos 1960. A vida de uma órfã, que revela excelentes habilidades para com o xadrez, é contada, até chegar no momento em que ela ganha fama mundial.

Em alguns dos episódios, a protagonista, que é oriunda dos Estados Unidos, vai à Rússia, onde participa de partidas contra russos (The Queen's, 2020), o que aponta para a velha rivalidade entre os dois lados, que transcende o tabuleiro do jogo literal e tem a Guerra Fria como pano de fundo, em uma oposição típica entre *eles* e *nós*, típica de muitas produções estadunidenses (Domingos, 2012; Franciscon, 2020). É a partir dessa série que a presente produção acadêmica inicia, porque, mais adiante, serão feitas referências a partidas de xadrez e sujeitos que viveram em um contexto e época de Guerra Fria.

Antes de chegar lá, são necessárias algumas observações preliminares, de cunho metodológico. O recorte espacial deste estudo está centrado no município de Montes Claros, conhecido como um dos polos industriais da região do sertão norte-mineiro (Reis; Gonçalves Neto, 2022). Em sua história, a cidade vem testemunhando várias atividades esportivas, valorizando-as como instrumento para a promoção da saúde, integração social e desenvolvimento pessoal de seus cidadãos.

Na década de 1980, e mesmo antes, há registros de cidadãos montesclarenses que foram ávidos praticantes de xadrez, seja em escolas, clubes e em espaços livres, os quais chegaram a participar ativamente de torneios e campeonatos. Tal participação não dizia respeito só ao xadrez, mas também à peteca, ao vôlei e ao futebol, conforme informações do *Jornal de Montes Claros* (JMC²).

² Os periódicos foram localizados no Centro de Memória do Esporte (CEMESP/Unimontes), acessível por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://www.cemesp.unimontes.br/>.

No entanto, a partir de 1985, há um declínio quanto à prática do xadrez na cidade, assim como de publicações do periódico local, o qual apresentava as nuances do esporte, principalmente aos domingos. Esse enfraquecimento levantou questões sobre os motivos do referido declínio de práticas enxadristas locais.

Nesse sentido, o presente artigo tem como finalidade apresentar uma história esportiva do xadrez na cidade de Montes Claros, com foco em Geraldo Brandão Filho³, durante os anos de 1980, período marcado por intensa prática enxadrista no município. Assim, a abordagem é fundamentada em reportagens veiculadas pelo periódico local, datadas a partir da década de 80 e por narrativas atuais de enxadristas atuantes durante aquela época.

Assim, este estudo encontra-se tanto no campo do esporte quanto nos estudos socioculturais. Segundo Melo e Fortes (2013), esportes carregam em si a possibilidade de influenciar o grau de visibilidade de práticas sociais, especialmente quando vinculadas ao âmbito da cultura e história. Esses autores compartilham uma abordagem análoga àquela de Delgado e Ferreira (2013), os quais afirmam que acontecimentos do tempo presente estão em constante mudança, de modo a contribuírem para que possam ser produzidas fontes de informações no tocante a desdobramentos dos esportes.

Portanto, com base em edições do periódico *Jornal de Montes Claros*⁴ e publicações semanais de Geraldo Brandão e Girleno Alencar, que cobriram acontecimentos relacionados ao xadrez na Montes Claros da década de 1980, conduziu-se uma análise comparativa entre narrativas coletadas de enxadristas e registros impressos encontrados. Essa perspectiva é respaldada pela necessidade de confrontar as fontes documentais da imprensa com informações de fontes orais, dado que estas últimas podem ter fatos ou dados ausentes em registros escritos (Alberti, 2004).

³ Geraldo Brandão Filho, mais conhecido como *Brandão* ou *Brandãozinho*, foi uma figura proeminente no Centro Cultural Hermes de Paula, especialmente no campo das práticas enxadristas. Embora os autores não tenham conseguido determinar a data de nascimento de Brandão, é sabido, segundo relatos de antigos colegas e amigos, que ele faleceu em 2012. Brandão era considerado o *pai do xadrez* entre os enxadristas, com uma atuação que remonta a antes da década de 1980.

⁴ O *Jornal de Montes Claros* apresentava semanalmente os desdobramentos das práticas enxadristas na cidade, mantendo um vínculo estreito com os jogadores de xadrez, especialmente com Geraldo Brandão, que também contribuía para a redação do jornal.

Ademais, também se justifica a escolha do recorte temporal deste estudo na disponibilidade de fontes impressas. Como ponto de partida, opta-se pela análise de periódicos publicados entre 1980 e 1989, haja vista que não foram encontrados registros impressos de anos subsequentes, sinal do enfraquecimento de atividades relacionadas ao xadrez. O foco foi colocado em exemplares do *Jornal de Montes Claros* que retratam práticas enxadristas na cidade, especialmente em edições produzidas por Geraldo Brandão.

Justifica-se esta pesquisa por conta da proeminência de atividades e práticas enxadristas no passado da cidade. Além disso, foi possível notar, a partir de investigações em acervos da cidade, uma pequena quantidade de documentação que retrata a história da atividade em questão. Assim sendo, este estudo permite registrar, por escrito, experiências e vivências coletivas e individuais, e documentar memórias e testemunhos de indivíduos ligados a desdobramentos do xadrez na cidade montesclarensse, uma vez que, de acordo com Philippe Joutard (2000, p. 32): “[...] a memória se declina no presente e é o impulso de ação para o futuro [...]. Portanto, ao coletar depoimentos de indivíduos da história, é possível chegar a percepções singulares sobre desdobramentos no cenário do xadrez durante o período analisado e períodos posteriores.

Como ferramenta metodológica, adota-se a História Oral Temática, haja vista que a História Oral é definida, segundo Alun Munslow (2006), como entrevistas com participantes, com testemunhas oculares de eventos do passado, que visa a uma reconstrução histórica, sendo um método de pesquisa indispensável para a compreensão da história. A História Oral é usada como metodologia histórica por promover um diálogo abrangente sobre a relevância e sentidos históricos no presente, ao desafiar a hegemonia da cultura de elites sociais e institucionais (Frisch, 2000). Além de conceder a inserção do indivíduo como falante na história, também resgata e registra o personagem no processo histórico como formador de histórias e sujeito de ações em seu tempo (Xavier, 2009).

Quanto ao periódico, o uso foi feito daquelas edições que apresentaram reportagens sobre os desdobramentos do xadrez nos anos de 1980, em Montes Claros. Estes impressos proporcionam

uma via de acesso ao conhecimento da atividade enxadrista na cidade, fazendo menção, por exemplo, a campeonatos, torneios e disputas que ocorriam ali, bem como de indivíduos que jogavam xadrez. Os documentos impressos também possibilitaram aprofundar no tópico do sujeito Geraldo Brandão Filho, o qual era amplamente prestigiado e admirado no universo do xadrez, segundo fontes consultadas, impressas e orais. A abordagem teórico-metodológica deste estudo fundamenta-se nos estudos de História Oral de José Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti, referenciais para a condução das entrevistas e análise dos documentos impressos.

2 Percursos Metodológicos

Em seu texto *História dos, nos e por meio de periódicos*, Tânia Regina de Luca (2005) investiga o papel dos periódicos como fontes de pesquisa histórica. Ela observa que, até a década de 1970, existiam poucos estudos que consideravam jornais e revistas como fontes importantes para o conhecimento da história do Brasil. Contudo, após extenso debate no percurso da década de 1970, os jornais se tornaram uma fonte significativa de pesquisa histórica. Nesse sentido, Maria de Lourdes Janotti (2005) esclarece que a utilização das fontes também representa uma história, argumentando que essa perspectiva se deve ao fato de historiadores variarem no limiar do tempo e espaços, pelas circunstâncias de suas trajetórias individuais e por suas identidades sociais. O foco recaiu sobre edições do *Jornal de Montes Claros* que retratassem práticas enxadristas na cidade, isto é, aquelas entre Geraldo Brandão e Girleno Alencar⁵. Foram analisados treze exemplares, embora alguns não apresentem identificação de autoria. Em todos os documentos, no entanto, há menções ao xadrez.

O material que fomentou esta pesquisa pode ser estabelecido como sendo duas fontes. A primeira delas consiste em periódicos impressos da década de 1980, nos quais algumas reportagens, elaboradas por Geraldo Brandão e Girleno Alencar, retratam a

5 Jornalista da década de 1980 que escrevia sobre as práticas de xadrez em Montes Claros, especialmente aos domingos.

atuação de práticas de xadrez. A segunda fonte é constituída por relatos fornecidos por enxadristas entrevistados, os quais foram ativos durante a época analisada. As fontes impressas para o desenvolvimento deste estudo foram localizadas e estão disponíveis no *Centro de Memória do Esporte da Universidade Estadual de Montes Claros (CEMESP/Unimontes)*⁶. A aprovação do projeto guarda-chuva, que originou este trabalho no Comitê de Ética, foi concedida em colaboração com o *Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF)*⁷. Parte complementar de documentos e publicações relacionados a práticas de xadrez foram identificados na rede social do *Clube de Xadrez na Estrada Real*⁸, sendo esses registros relevantes para identificação de alguns dos jogadores da época estudada.

Optamos por esse caminho, pois o meio digital facilita o acesso à informação, reduzindo custos e otimizando a criação, tramitação e difusão de dados (Conarq, 2005). Documentos de pesquisa antes restritos a arquivos físicos ganharam novas perspectivas de acesso e disseminação do conhecimento. Esse processo aplica-se a documentos produzidos por meio de digitalização. Dessa forma, a informação digital torna-se alicerce para o pesquisador, preserva fontes e facilita o acesso a elas.

Ao abordar sobre o uso da História Oral, José Sebe Meihy afirma que ela “[...] respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva” (Meihy, 2005, p. 25). Nessa direção, para confrontar fontes impressas e compreender desdobramentos da história do xadrez em Montes Claros, optou-se pela utilização da História Oral Temática como metodologia central, uma vez que ela geralmente é empregada como uma técnica que articula docu-

6 O *Centro de Memória do Esporte da Universidade Estadual de Montes Claros (CEMESP/Unimontes)* tem como objetivo reconstituir, conservar e difundir a memória do esporte, da Educação Física, do lazer e da dança na região Norte de Minas Gerais e no Brasil. É possível ter acesso ao website por meio do seguinte link: <http://www.cemesp.unimontes.br/>.

7 O projeto de pesquisa foi submetido ao *Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)* da *Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)* e recebeu aprovação sob o parecer consubstanciado número 4839035, datado de 09 de julho de 2021. Essa aprovação assegura que a pesquisa cumpre todos os requisitos éticos e normativos estabelecidos para a condução de estudos envolvendo seres humanos, garantindo a integridade e o respeito aos direitos dos participantes.

8 *Instagram* dedicado à publicação sobre desdobramentos do xadrez na cidade de Montes Claros e região.

mentos orais junto a fontes escritas. A fonte oral, que toma forma de registro escrito, por meio de depoimentos, permitiu uma compreensão mais ampla de situações analisadas, ao criar um quadro maior junto de informações disponíveis em periódicos, por conta de narrativas individuais trazerem informações específicas sobre o objeto de pesquisa.

No que tange à escolha dos entrevistados, Alberti (2004) sustenta que a seleção dos mesmos não deve ser seguida por critérios quantitativos ou de amostragem, mas baseada na posição do entrevistado no grupo e na importância de sua experiência. Ao identificar os sujeitos nos periódicos, foi possível analisar quais estiveram mais conectados ao tema da pesquisa. Posto isso, foram selecionados três indivíduos, os quais participaram, viveram e atuaram na prática de xadrez na Montes Claros da década de 1980. Além disso, outro critério considerado foi a priorização da idade dos indivíduos a serem entrevistados, visto que é necessário dar preferência aos mais velhos que ainda têm condições físicas e mentais de fornecer um depoimento.

Assim, após a triagem, foi possível avançar com maior segurança na elaboração das entrevistas. A elaboração de entrevistas deve ter início por meio de um projeto estruturado, incluindo objetivo, objeto de estudo, procedimento metodológico, fontes a serem usadas e seleção dos entrevistados (Meihy, 2005). Esse procedimento foi seguido pela presente pesquisa, a fim de que o fio condutor da abordagem não fosse perdido. Sem a existência de um projeto definido, entrevistas tendem a ser perdidas, deixando sem respostas problemas a serem respondidos.

Na condução das entrevistas, portanto, prezou-se por um roteiro semiestruturado elaborado, que pudesse seguir uma cronologia detalhada de acontecimentos ocorridos no período investigado e informações consideradas de importância para os objetivos do estudo (Alberti, 2004). Antes de iniciar a entrevista, eram apresentados recortes de periódicos, imagens e fotografias que diziam respeito aos colaboradores ou sobre o xadrez em Montes Claros. Estes recursos imagéticos de lugares e objetos são fortes evocadores de memória.

Esses recursos evocativos da memória emergem de díspares maneiras, despertando lembranças que ajudam no trabalho de memória, atuando como guia ao determinar um espaço, período e um grupo específico que está sendo evocado (Dellamore; Amato; Batista, 2018). Assim, o uso de fotografias foi um aliado importante para evocar as memórias nas entrevistas. Nessa direção, Delgado e Ferreira (2013) demonstram que documentos imagéticos são valiosos instrumentos para pesquisas historiográficas, uma vez que, por meio deles, é possível desvelar uma versão do tempo que se pretende examinar:

[...] a iconografia é um importante registro das ações dos sujeitos históricos, públicos ou anônimos, em determinado tempo e espaço. Como fontes históricas de grande potencialidade, podem ativar e evocar memórias, contribuindo para a pesquisa quer da micro, quer da macro-história, pois fornecem informações não disponíveis nem acessíveis em outro suporte documental (Delgado; Ferreira, 2013, p. 28).⁹

Desse modo, ao empregar estratégias para evocar a memória dos entrevistados por meio de imagens, o objetivo é fortalecer lembranças e expandir o entendimento dos(as) pesquisadores(as) sobre o sujeito e/ou o evento em questão, mesmo que determinadas circunstâncias permaneçam pouco esclarecidas (Halbwachs, 2013). Assim, três colaboradores foram selecionados para as entrevistas, devido ao fato de ainda residirem em Montes Claros, Minas Gerais, o que facilitou o acesso e a gravação das entrevistas. Outros jogadores não residem mais na cidade; alguns estão fora do Brasil e não conseguimos contato com outros. Dessa forma, não foi possível incluir esses jogadores nas entrevistas, uma vez que os autores decidiram realizá-las de forma presencial. Dois deles são jogadores ativos no xadrez desde a década de 1980. O outro colaborador, também praticante de xadrez, porém em menor grau que os demais entrevistados, acompanhou os desdobramentos do enxadrismo ao lado de grandes jogadores.

⁹ É importante salientar que a iconografia não foi utilizada como metodologia nesta pesquisa. As imagens foram empregadas exclusivamente nas entrevistas, com o objetivo de evocar lembranças e memórias dos entrevistados.

As perguntas foram constituídas por meio de um roteiro semiestruturado, de fácil compreensão, para que não houvesse ambiguidade nas respostas, conforme Thompson (1992) instrui. Ademais, foi necessário estabelecer assuntos semelhantes nos roteiros de entrevistas. Após encerrar a entrevista e desligar o gravador, ao expressar gratidão, procedeu-se à despedida e apresentação da carta de cessão de direitos da entrevista aos colaboradores, bem como a revelação da identidade desses entrevistados, os quais não negaram assinar a documentação.

3 Xadrez e guerra fria: uma breve reflexão global

A origem do xadrez é um assunto que é discutido entre historiadores, havendo várias teorias propostas quanto a ela no decorrer dos anos. Dentre as teorias, a mais aceita é a que ele teve início na Índia, por volta do século VI d. C., sendo conhecido como *Chaturanga* (Castro, 1994). Como o propósito deste texto não é tratar sobre a história e as teorias do surgimento do xadrez no mundo, apresenta-se aqui uma reflexão global da história esportiva do xadrez a partir daquilo que é chamado de *match do século* (explicado adiante), ocorrido durante a Guerra Fria (1947–1991), período histórico e social marcado por transformações no cenário estratégico e no equilíbrio de poder mundial ao longo de quase cinquenta anos (Kennedy, 1991).

Ao explorar a *teoria do jogo competitivo*, como uma abordagem de síntese heurística na perspectiva sociológica configuracional, a partir de Norbert Elias (1980), é possível perceber a viabilidade de se estabelecer uma relação entre Guerra Fria e *jogo social*, ideia que descreve as interações e dinâmicas sociais que acontecem entre os indivíduos na sociedade. Este desenvolvimento é fundamentado por conta de uma série de movimentos não planejados, fortalecidos por uma importância histórica crucial no sentido de compreender demandas sociais e políticas que polarizaram *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS) e *Estados Unidos da América* (EUA) em uma disputa que foi além do *front* de guerra.

Nesse cenário de confrontos e disputas de poder entre o lado estadunidense e o lado soviético, aconteceu o referido *match do século*, especificamente na segunda fase da Guerra Fria, no ano de 1970. Tal designação, conforme pontua Souza e Marchi Junior (2013a), é resultado de uma campanha da mídia, desenvolvida em torno do fato de Estados Unidos e União Soviética terem se encontrado pela primeira vez, enquanto ocorria a Guerra Fria, em uma partida de xadrez.

Ao tratar sobre aspectos miméticos e catárticos do jogo competitivo, Norbert Elias (1992) argumenta que, a partir de situações de jogo, sujeitos têm a oportunidade de experimentar uma competição sem os riscos físicos que um confronto real representaria. Isso é denominado por ele como *combates miméticos*, “[...] confrontos realizados por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos [...]” (Elias, 1992, p. 95).

O *match do século* pode ser compreendido como uma competição mimética, uma disputa tecida em simbolismo, a qual produziu uma carga emocional em sujeitos, carga essa fomentada pelo cenário imaginário de uma guerra entre duas superpotências. Essa guerra não ocorreu nos campos de batalha, mas no palco do xadrez (Souza; Marchi Junior, 2013b). O *match*, portanto, foi modelado como uma guerra em um tabuleiro de xadrez, ao ecoar um episódio de disputa política entre capitalistas e socialistas, que também teve palco em outros esportes e campos.

No caso do xadrez, envolveu Bobby Fischer, enxadrista estadunidense, e Boris Spassky, enxadrista soviético. A interdependência social entre as duas nações não começa com o confronto de xadrez ocorrido entre os dois em 1972, na Islândia. Durante a Guerra Fria, Fisher e Spassky já tinham estabelecido uma história de rivalidade no xadrez, enfrentando-se em cinco momentos anteriores, com três vitórias para os soviéticos (Souza; Marchi, 2013a). O confronto entre Estados Unidos e União Soviética impactou o desfecho do campeonato mundial de xadrez, e refletiu no fato de os dois fi-

nalistas representarem nações adversárias (Souza; Marchi Junior, 2013b). Ambos os lados levaram ao extremo a ideia de usar um tabuleiro de xadrez como instrumento de disputa político e militar.

A habilidade e talento no xadrez geralmente são conectados, por veículos de comunicação em massa, à inteligência. Essa construção, durante a Guerra Fria, levaria à associação de que o lado derrotado, representado pelo jogador perdedor, seria o menos inteligente, como chegou a ocorrer em 1972, com a vitória de Bobby Fischer (Saidy, 1972). A rivalidade entre as duas nações cristalizou-se em narrativa, de modo que quando Fischer considerou a possibilidade de desistir da disputa no campeonato mundial de xadrez contra Spassky, o conselheiro do presidente dos Estados Unidos o incentivou a continuar, ao sustentar que a vitória seria de grande valor para o país (Cordovil, 1973).

Após Bobby Fischer quebrar a hegemonia soviética de 24 anos no xadrez, sua imagem começou a ser amplamente divulgada por veículos de comunicação como sendo o *match do século*, desempenhando efeitos significativos na oferta e demanda de práticas de xadrez em diversos países, especialmente nos Estados Unidos e para países do continente americano, como o Brasil (Souza; Starepravo, 2008).

4 Jogadas do passado: narrativas enxadrísticas na memória

O xadrez, antes de ser introduzido no Brasil, era, por costume, considerado uma prática de enorme prestígio social, tendo sido o segundo esporte mais praticado no mundo, ficando atrás apenas do futebol (Rockenbach, 2010). Em terras brasileiras, o xadrez foi inserido a partir do processo de colonização, ganhando força a partir da chegada da família real portuguesa, em 1808, sendo uma atividade restrita a classes altas da sociedade. De 1877 em diante, surge o primeiro espaço destinado a práticas de xadrez no país, sob o comando do secretário ministerial Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como o escritor Machado de Assis, que também era jogador dedicado ao xadrez de sua época (Toledo; Kamada, 2013).

Agora, voltando o olhar para a cidade de Montes Claros, alvo desta pesquisa, não há registro histórico, nem consenso entre os jogadores quanto à origem e data de surgimento dessa modalidade em âmbito local. O primeiro entrevistado para a pesquisa, João Aroldo Pereira, sujeito conhecido por ser detentor de diversas habilidades, poeta, ator, compositor, performer, agitador cultural e funcionário do *Centro Cultural Hermes de Paula*, mais chamado por seus colegas, de modo carinhoso, como *Seu Aroldo*, reside na cidade montesclarensse desde 1961 e, na ocasião da entrevista, estava com 65 anos de idade¹⁰, encontrando-se em perfeitas condições para fornecer seu depoimento.

A sala de teatro do *Centro Cultural Hermes de Paula* foi o espaço escolhido para a entrevista. Solicitamos que ele discorresse sobre sua amizade com Geraldo Brandão. Quando isso foi feito, percebemos que foi evocada, na memória do Aroldo, uma mistura de emoções, incluindo felicidade e saudade, pois estava a recordar de Geraldo Brandão, seu grande amigo e companheiro de trabalho. Isso nos remete àquilo que Ferreira (2002, p. 321) diz, a saber, que “[...] A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências [...]”; é algo flexível, com os episódios sendo recordados a partir de experiências e demandas do presente.

Aroldo Pereira compartilhou conosco que Brandão foi uma figura marcante em sua vida desde a infância, quando se conheceram na escola do bairro operário onde residiam. Brandão era conhecido por ter um grande cérebro em um corpo pequeno, despertava a curiosidade dos jovens na região¹¹. Durante 1980, afirmou o entrevistado, o enxadrista ministrava, para crianças, aulas de xadrez no *Centro Cultural Hermes de Paula*, sendo a maioria deles de condição financeira estável¹². Além disso, ele oferecia instruções na *Praça de Esportes* da cidade, no *Parque Municipal Milton Prates* e em escolas de Montes Claros.

10 A revelação da idade foi feita por Aroldo Pereira momentos antes da gravação, e ele autorizou a divulgação de sua idade e de todas as outras informações gravadas.

11 O entrevistado referiu-se à inteligência de Geraldo Brandão em jogar e ensinar o xadrez, jogo que exige raciocínio.

12 Embora o ensino fosse oferecido de forma gratuita, nem todos tinham a oportunidade de aprender. Muitas crianças e jovens de classe baixa precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família, o que limitava seu tempo para atividades de lazer. Assim, os alunos de Brandão eram, em sua maioria, crianças de famílias com uma condição financeira mais confortável.

O *Jornal de Montes Claros* não menciona os custos associados à manutenção dos estudantes no xadrez em Montes Claros. No entanto, sabe-se que o xadrez é um esporte considerado caro, especialmente no que concerne a competições e grandes torneios, os quais frequentemente exigem viagens¹³. Eugênio Palma Avelar, um dos entrevistados, destaca que o xadrez é custoso devido à necessidade de recursos financeiros para passagem, moradia e alimentação. Embora seja um esporte caro, investimentos necessários para o aprendizado não são elevados, desde que o aluno não deseje competir em grandes torneios. Para a competição são necessários investimentos adicionais, como a contratação de um professor particular, a aquisição de um relógio de xadrez, livros e outras despesas.

Esse segundo entrevistado, Eugênio Palma Avelar, professor de história e funcionário público, nos relatou que, nas décadas de 1970 e 1980, todos os indivíduos que jogavam xadrez, conhecidos por ele, em Montes Claros, aprenderam o jogo com Geraldo Brandão. Tal fato se deve à dedicação exclusiva de Brandão ao ensino do xadrez na *Escolinha do Professor Brandão*, que funcionava no *Centro Cultural da Cidade*.

Na década de 1970, durante a gestão de Antônio Lafetá Rebello (1977-1982), Eugênio relatou que havia diversos torneios e campeonatos em Montes Claros, organizados pelo *Serviço Social do Comércio* (SESC) e pelo próprio Geraldo Brandão¹⁴, mas que, na década seguinte, diversos cidadãos que jogavam xadrez, principalmente os jovens, foram embora da cidade para estudar e/ou em busca de melhores condições de emprego, assim como ele (Neves, 1987; Woortman, 1990; Dayrell, 2000; Silva, 2006). Além disso, o entrevistado informou que, por volta de 1984-1985, durante a gestão de Luiz Tadeu Leite (1983-1988), a prefeitura municipal dava o mínimo para o ensino e exercício do xadrez à sociedade.

13 O xadrez era um esporte caro durante o período analisado. Atualmente, no entanto, não exige tantos investimentos, graças a avanços tecnológicos e diversos recursos que possibilitam a prática do xadrez para qualquer cidadão.

14 O *Jornal de Montes Claros* (JMC) não especifica a quantidade de torneios organizados por Geraldo Brandão. No entanto, é possível observar que Brandão estava sempre envolvido nas atividades relacionadas ao xadrez.

Nesse período, a nação brasileira passava por uma forte crise econômica, durante o governo de João Figueiredo (1979-1985), e esse fato, em termos econômicos, poderia explicar a redução de atividades de xadrez em Montes Claros. No entanto, Oliveira (2012) destaca que, nos primeiros anos da década de 1980, ocorreu um avanço quanto à política esportiva do país, com um investimento de mais de 5 milhões de cruzeiros em passagens aéreas para confederações de polo aquático, tiro ao alvo, pentatlo moderno e xadrez (Editorial, 1981)¹⁵.

Dessa forma, mesmo diante da crise econômica e do processo de reabertura política da nação, os financiamentos para essas modalidades não foram interrompidos, uma vez que Antônio Lafetá Rebello era da *Aliança Renovadora Nacional* (ARENA) e que tais modalidades eram praticadas pelos indivíduos pertencentes à elite brasileira. A ausência de investimento na modalidade esportiva do futebol, reconhecido como um jogo popular, de acordo com Ribeiro e Costa (2006), é claramente evidenciada nas páginas do *Jornal de Montes Claros*:

[...] PARA A SURPRESA DE TODOS, o prefeito Antônio Lafetá Rebello respondeu que a única coisa que poderiam fazer era 'bater palmas, pois o futebol é um saco sem fundo no plano financeiro'.

A afirmação do prefeito deixou surpresos os dirigentes de clubes e, na Câmara Municipal, o vereador Alberto Oliveira pede projeto para dividir o dinheiro do estacionamento junto aos clubes. Antes disso [sic] o Ateneu havia ameaçado paralisar suas atividades [sic] caso a Prefeitura não colaborasse com o clube no setor financeiro (Alencar, 1980, p. 5).

O último entrevistado, Denarte D'Avila, esportista multifacetado, enxadrista e ex-atleta de futebol profissional, também coordenador do *Troféu Bola Cheia*, referência nos campos esportivos do

15 Os autores não encontraram informações sobre os valores destinados ao xadrez na cidade de Montes Claros.

xadrez e futebol, ao compartilhar suas memórias sobre Geraldo Brandão, revelou que teve uma convivência de 40 anos com o *pai do xadrez* ao enfatizar que, sem Brandão, o xadrez não teria produzido grandes mestres como Wellington Rocha e Sérgio Oliveira¹⁶. Além disso, destacou que o esporte do xadrez contava com apoio de diversos setores, como as indústrias que se instalaram na cidade e o comércio local, bem como o prefeito municipal, à época Antônio Lafetá Rebello¹⁷.

Em seu relato, D'Avila disse que do final da década de 1970 para o início da década 1980, as práticas de xadrez eram tão intensas e empolgantes que jogadores começavam a jogar às três da tarde e paravam meia-noite. A movimentação do xadrez, segundo ele, cresceu consideravelmente em Montes Claros, a ponto de atrair a participação de chilenos e franceses em atividades enxadristas, graças ao patrocínio fornecido pela *Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)*¹⁸¹⁹. No entanto, apesar do grande crescimento, D'Avila informou que o “jogo foi se fechando”, pessoas foram indo embora²⁰ e o xadrez teve uma gradual decadência, mas só não acabou por causa de Geraldo Brandão.

Após as entrevistas, os pesquisadores foram informados de que o declínio do xadrez não estava relacionado à crise econômica e à abertura política no Brasil. Essa afirmação é respaldada pe-

16 Wellington Rocha, ex-aluno de Geraldo Brandão, agora é um mestre internacional de xadrez. Semelhantemente, Sérgio de Oliveira, também ex-aluno, alcançou o título de mestre nacional no xadrez.

17 A prefeitura fornecia os materiais necessários para o ensino do xadrez aos jovens, incluindo tabuleiros, livros e relógios. Além disso, oferecia apoio estrutural ao disponibilizar locais para a realização dos torneios municipais e regionais. Essas informações foram confirmadas nas entrevistas realizadas.

18 Criada por intermédio da Lei 3.692, de 15 de dezembro de 1959 (BRASIL, 1959), a referida autarquia, em seus primórdios, esteve diretamente subordinada ao presidente da república, à época Juscelino Kubitschek de Oliveira, sendo um órgão administrativamente autônomo, sediado na cidade do Recife. Para os fins da lei, o Nordeste abrangeu Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Além desses estados, a área de atuação do órgão englobou o Norte de Minas Gerais e o Espírito Santo. Assim, recursos concedidos, direta ou indiretamente, à autarquia só foram aplicados em lugares compreendidos na área estipulada. A SUDENE, portanto, visa a estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Nordeste; supervisionar, coordenar e controlar a criação e execução de projetos a cargo de órgãos federais na região e que são relacionados com seu desenvolvimento; executar, de modo direto ou por meio de convênio, acordo ou contrato, projetos ligados ao desenvolvimento da região que lhe forem atribuídos; e coordenar programas de assistência técnica, nacional ou estrangeira, ao Nordeste (ALVES et al., 2023).

19 Os poucos jornais encontrados não mencionam o patrocínio da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

20 Os fenômenos migratórios de fluxo Norte-Sul não são novos na história brasileira, apesar de terem sido muito fortes no século XX, a ponto de existir o conhecido êxodo rural brasileiro, com um número absurdamente grande de brasileiros deslocados. Em busca de melhores condições de salário, saúde e vida, muitos indivíduos do Norte de Minas e do Nordeste do país, no século XIX e XX, por exemplo, desciham para lugares como Belo Horizonte e São Paulo, o que acabou por produzir um agravamento da pobreza nessas e em outras grandes cidades. Eruditos da área também demonstram que há um fluxo de retorno e/ou subida no sentido Sul-Norte, por motivos de retorno às origens, formação de identidade masculina, melhores condições de vida e outros (NEVES, 1987; VIDAS, 1963; DEUS, 1964; WOORTMAN, 1990; DAYRELL, 2000; SILVA, 2006; BOI, 2015; OJIMA, 2015; AQUINO, NASCIMENTO, 2020; MATTOS; MAY, 2020).

los relatos e as fontes impressas que indicam resultados positivos para a prática do xadrez no início da década de 1980. No entanto, a partir de 1984, houve um enfraquecimento gradual no campo enxadrísta, que só foi revertido com a vitória no xadrez de Wellington Rocha em 1989. Posteriormente a essa conquista, o xadrez experimentou um declínio mais acentuado em Montes Claros.

Ademais, foi compartilhado que a redução das atividades enxadrísticas, na cidade em questão, ocorreu por diversas razões. A primeira delas é que a escola do professor Brandão ficou largada por muito tempo, porque ele passava por alguns problemas interpessoais, e, com o seu falecimento, em 2012, o xadrez deixou de ser exercido no *Centro Cultural* e foi perdendo forças. Outro motivo, conforme informado pelos entrevistados, é que os jogadores cresceram e foram estudar fora de Montes Claros, enquanto outros se mudaram para trabalhar e/ou buscar melhores condições de vida. Além disso, a rivalidade entre os jogadores desempenhou um papel crucial na diminuição das práticas enxadrísticas na cidade.

Porém, conforme consta na plataforma da *Federação Mineira do Xadrez*²¹, na década de 2000, Warley Pacheco, Sérgio Oliveira, Nilton Maia, Glacyus Campos, João Paulo Versini e Marcos Maia, dentre outros enxadristas, recuperaram o xadrez em Montes Claros, com incentivo da prefeitura Municipal. No entanto, com a nova administração municipal, em 2008, o *Clube de Xadrez de Montes Claros* fechou as portas, mas não deixou de existir. Somente a partir de 2019 é que o clube de xadrez de Montes Claros realiza o 1º *Circuito Rápido de Xadrez em Montes Claros*, reabrindo um novo período na história do xadrez na cidade.

5 Considerações finais

Voltando à série intitulada *O Gambito da Rainha*, diferentemente da popularidade desta, o jogo e esporte do xadrez em território montesclarensse nem sempre teve uma regularidade. De tempos

²¹ É possível acessar a página por meio do seguinte link: <https://fmx.org.br/clube-de-xadrez-de-montes-claros-e-o-primeiro-filiado-a-fmx-em-2021/>.

em tempos práticas enxadristas encontram seus altos e baixos, assim como a vida, que também tem seus campos verdejantes e vales de sombras. Dentro daquele cenário da cidade de Montes Claros, nos anos 1980, foi possível perceber que muito da influência e presença do esporte até dias atuais se deve à pessoa e às ações diárias de Geraldo Brandão, que buscou apoio financeiro e estrutural na prefeitura de Montes Claros e patrocínio em comércios locais e em fábricas que se fixaram em Montes Claros. Isso era necessário para a compra de materiais e custos com a organização de torneios esportivos.

Por meio de um resgate da história desse indivíduo, geralmente desconhecida entre habitantes da cidade, história essa que é parte intrincada da história do país, em um período de transição política (ditadura militar e redemocratização), é possível enxergar diferentes cores dessa sociedade do Norte de Minas Gerais. Foi possível notar que ações em níveis mais amplos geram impactos a nível local. Ecos de atos a níveis de governo regional podem ser observados na cidade montesclarenses, uma vez que existiram, por exemplo, ações e investimentos provenientes do governo que foram direcionados para o xadrez do período analisado, com caso mencionado da SUDENE.

Por fim, também foi possível notar questões de cunho social e político da localidade. Ao pesquisar a história do xadrez foi possível notar que o xadrez foi uma prática com maior prestígio no quesito investimento do que o futebol, esporte pelo qual brasileiros tendem a ser conhecidos mundialmente, o que revela uma faceta diferentes da esperada, apontando para um Brasil que é repleto de variedades e não é feito só de futebol e carnaval. Assim como indivíduos e histórias são singulares, gostos e práticas também o são. Portanto, uma análise social faz bem caso venha a fazer jus às especificidades locais, por meio de olhares específicos que possam ir além das generalizações.

Referências

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.2004.

ALENCAR, G. Em 1980 a hora e a vez do ciclismo e xadrez. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 05, 1980.

ALVES, L. F. S.; ATHAYDE, A. L. M.; BICALHO, L. M. A.; COSTA, D. S. R. C. Dictatorship, Industry, and Colonel: Land Taking in the North of Minas Gerais, Brazil. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO*, 1., 2023, Montes Claros. **Anais** [...]. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2023.

AQUINO, J. R.; NASCIMENTO, C. A. A grande seca e as fontes de ocupação e renda das famílias rurais no Nordeste do Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 81-97, 2020.

BOI neon. Direção: Gabriel Mascaro. Produção: Rachel Ellis. Roteiro: Gabriel Mascaro. Brasil: Imovision, 2015.

BRASIL. **Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959**. Institui a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e dá outras providências. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1959.

CASTRO, C. Uma história cultural do xadrez. **Cadernos de Teoria da Comunicação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 3-12, 1994. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/d069710c-0907-42c1-8710-30cf3d50adae/content>. Acesso em: 8 out. 2024.

CONARQ. **Carta para a preservação do patrimônio arquivístico digital**. Brasil: Unesco, 2005.

CORDOVIL, J. Diário Popular (cobertura do mundial de xadrez de 1972). *In: CORDOVIL, J. Trifunovicth P. Fischer-Spassky: Pelo ceptro do xadrez*. Lisboa: Presença; 1973. p. 275.

DAYRELL, C. A. Os geraizeiros descem a serra. In: LUZ, C.; DAYRELL, C. A. (org.). **Cerrado e desenvolvimento**: tradição e atualidade. Montes Claros: CAA, 2000.

DELGADO, L. A. N; FERREIRA, M. M. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90/70>. Acesso em: 08 out. 2024.

DELLAMORE, C. ; AMATO, G. ; BATISTA, N. (org.). **A ditadura na tela**: o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro. Belo Horizonte: FAFICH, 2018.

DEUS e o diabo na terra do sol. Direção: Glauber Rocha. Produção: Jarbas Barbosa, Luiz Augusto Mendes, Glauber Rocha e Luiz Paulino dos Santos. Roteiro: Glauber Rocha, Walter Lima Jr. e Paulo Gil Soares. Salvador: Entertainment One Films, 1964. (120 min).

DOMINGOS, C. S. M. Rocky IV: História, Cinema e Esporte na Guerra Fria. **Contemporâneos**, [s. l.], n. 11, p. 1-13, 2012. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n11/dossie/dossie5rockiv.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.

EDITORIAL. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, ano 10, n. 48, p. 1, 1981.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10855..> Acesso em: 08 out. 2024.

FRANCISCON, M. W. Os Estados Unidos e a Inglaterra vistos pelo cinema soviético do stalinismo tardio. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 12, n. 23, p. 383-413, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10855>. Acesso em: 08 out. 2024.

FRISCH, M. A desindustrialização vista de baixo para cima e de dentro para fora: o desafio de se retratar a classe trabalhadora em palavras e imagens. *In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.). História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 167-179.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JANOTTI, M. L. O livro Fontes históricas como fonte. *In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do século XXI. *In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.). História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 31-43.

KENNEDY, P. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MATTOS, L. C.; MAY, P. Duas secas climaticamente análogas no semiárido nordestino com impactos sociais distintos.

Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 55, p. 28-53, 2020.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, V. A; FORTES, R. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, [s. l.], v. 12, n. 22, p. 11-35, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/1180>. Acesso em: 9 out. 2024.

MILLER, S. The Fatal Flaw of “The Queen’s Gambit”. **The New Yorker**, [s. l.], 1 dez. 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/the-fatal-flaw-of-the-queens-gambit>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MUNSLOW, A. **The Routledge Companion to Historical Studies**. New York: Routledge, 2006.

NEVES, A. S. **A seca de 1919**: Nordeste, a Bahia e o Norte de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1987.

OJIMA, R. Urbanização, dinâmica migratória e sustentabilidade no semiárido nordestino: o papel das cidades no processo de adaptação ambiental. In: OJIMA, R.; FUSCO, W. (org.). **Migrações nordestinas no século 21**: um panorama recente. São Paulo: Edgard Blücher, 2015.

OLIVEIRA, M. T. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento**, Curitiba, v. 18, n. 4, p. 155-174, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32108>. Acesso em: 12 out. 2024.

REIS, F. L. C.; GONÇALVES NETO, W. Educação e História da Educação: políticas instituidoras de novos comportamentos nos tempos pandemias da Covid-19 implementadas nas escolas do município de Montes Claros, Minas Gerais. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 170-187, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/5936>. Acesso em: 12 out. 2024.

RIBEIRO, R. N. COSTA, L. O. P. Análise epidemiológica de lesões no futebol de salão durante o XV Campeonato Brasileiro de seleções Sub 20. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-5, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/kVyLXPQh6RN9ZxNQNPNF7tt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2024.

ROCKENBACH, Ramon Roberto Barbosa. **O xadrez escolar e sua relação com a satisfação familiar**. Dois Vizinhos: Carikol, 2010.

SAIDY, A. **The battle of chess ideas**. London: Batsford, 1972.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido**. 2006. 298 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. A. A divulgação da imagem de Bobby Fischer e o aumento do consumo e da prática do xadrez: algumas aproximações preliminares. *In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 4., 2008. **Anais** [...]. Faxinal do Céu: CBCE, 2008. p. 1-11.

SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 567-581, 2013a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/hY9JrsZCnqVJtkjM9pMCDf/>. Acesso em: 08 out. 2024.

SOUZA, J. DE.; MARCHI JÚNIOR, W. O “match do século” e a “história esportiva” do xadrez: uma interpretação sociológica. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 399-441, abr. 2013b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/bypGnLZTTjzfxyDG76hyNWG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

THE QUEEN'S Gambit. Direção: Scott Frank. Produção: Marcus Loges e Mick Aniceto. Roteiro: Scott Frank. [S. l.]: Netflix, 2020. 7 episódios.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história Oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, J. M.; KAMADA, J. K. **Xadrez para todos**. São Paulo: Adoni, 2013.

VIDAS secas. Direção: Nélson Pereira dos Santos. Produção: Herbert Richers, Luiz Carlos Barreto e Danilo Trelles. Roteiro: Nélson Pereira dos Santos. Brasil: Herbert Richers, 1963. (103 min).

WHITE, P. 'The Queen's Gambit' Becomes Netflix's Biggest Scripted Limited Series with 62M Checking Chess Drama. **Deadline**, [s. l.], 23 nov. 2020. Disponível em: <https://deadline.com/2020/11/queens-gambit-62m-viewers-netflix-1234620378/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

WOORTMAN, K. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 35-53, 1990. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/546/pdf_520. Acesso em: 08 out. 2024.

XAVIER, A. R. A importância da História Oral como fonte identitária de um povo. **WebArtigos**, [s. l.], 5 jul. 2009. Disponível: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853>. Acesso em: 5 maio 2023.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.